

OS CLANDESTINOS

1232 RUBEM BRAGA

Um jornal entrevistou, na Polícia Marítima, alguns portugueses. São homens de Cabo Verde, que ali estão presos, e que vivem há alguns meses o drama de uma evasão frustrada. Eles embarcaram como clandestinos em um navio inglês, no porto de São Vicente. Descobertos a bordo, foram postos em rudes trabalhos e suportaram um péssimo tratamento. Quando chegaram a Buenos Aires, esfarrapados e exaustos, foram jogados num xadrez onde ficaram dezenas de dias. Parentes ou conhecidos tentaram, sem resultado, obter que eles ficassem na Argentina. Estão agora presos no Rio, onde também não poderão ficar. Deverão ser recambiados ao arquipélago da costa africana.

Esses clandestinos não deveriam entretanto, em países livres, ser tratados como clandestinos comuns. Quando, na escuridão da noite, eles, de uma canoa silenciosa, conseguiram lançar um cabo ao navio inglês e subir pelo seu costado, não estavam apenas, esses miseráveis, fugindo ao pagamento de uma passagem. Estavam fugindo de uma prisão — porque o arquipélago de Cabo Verde é todo ele uma prisão. O nativo é escravo de sua ilha; dali não lhe dá, o governador salazarista, licença para sair para outro país — a não ser que deseje ir para outra colônia portuguesa, no continente africano. Os que já foram mandaram dizer aos outros que não fossem, porque a escravidão era a mesma.

Com uma grande parte de seu terreno absolutamente estéril, Cabo Verde sofre ainda, em suas ilhas férteis, como Santo Antão, o castigo medonho da seca. Mas a seca é um flagelo periódico. Há outro permanente: a miséria profunda, a escravidão efetiva do povo, a crueldade de um regime que impede a partida de homens cuja vida ali não tem o menor horizonte. Na lavoura o colono dá ao fazendeiro a meia de toda a sua produção, sem executar nada que lhe possa servir de alimento; e além dessa meia ainda paga a totalidade do imposto territorial. O assalariado recebe 4 a 5 escudos por dia, a seco.

Quem me contou essas coisas não foi apenas a gente das ruas de São Vicente. Foi também um rico fazendeiro salazarista que ia passear na Europa. Foi ele quem me disse que muitos pobres, naquelas ilhas, moram em cavernas, como bichos. Foi ele quem me confirmou a miséria terrível dos campos de concentração de prisioneiros políticos um dos quais, o Tarrafal, é nome que soa de maneira sinistra em qualquer lugar da Metrópole, para centenas de famílias de estudantes, operários, professores e oficiais. Foi ele quem me contou como é o subterrâneo invadido pelas águas da maré baixa, onde às vezes são postos os prisioneiros.

E nas ruas eu vi a mais espantosa quadrilha de meninos mendigos que é possível ver no mundo; vi o mercado mais miserável onde filas enormes esperavam um pão de milho intragável. Vi a colônia, e que sentido desgraçado tem essa palavra colônia.

Já contei numa crônica a justificativa que me deu aquele bom fazendeiro de Santo Antão para a existência de presos políticos naquele inferno: "Essa gente sofre muito. Eu tenho pena. Coitados! Mas que quer o senhor? E' gente inimiga da ordem!"

Esses pobres diabos que estão presos na Polícia Marítima do Rio de Janeiro também são inimigos da ordem. Contrariaram a ordem de não sair de Cabo Verde. Contrariaram a ordem de não pensar em outra vida, de não morar em cavernas, de não ter filhos a mendigar atrás dos turistas que vão comer lagostas e ver as negrinhas nuas que dançam com terríveis umbigadas. São certamente, criminosos. Que voltem para lá. E façamos o possível, nós, os brasileiros, para que possa entrar para a O.N.U. o governo que mantém em regime, esse melancólico e desesperadamente vulgar governo "nacionalista" que escraviza a pobre gente de Cabo Verde — suprema humilhação! — para que as companhias inglesas, donas de tudo o que mais dá dinheiro no arquipélago, possam continuar prosperando...

18.1.49